

LEITURA EM TELA: AS LEGIBILIDADES DO JORNAL IMPRESSO E DO JORNAL *ON-LINE*.

Renan Belmonte Mazzola, Maria do Rosário Valencise Gregolin. – Lingüística – Letras – Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Este projeto de pesquisa insere-se em uma investigação coletiva do Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara (GEADA), cadastrada no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, sob a liderança da profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin (UNESP-Ar). No interior do GEADA, ele se insere na linha de pesquisa *Discurso, História, Memória: a produção de identidades*, que tem como objetivo analisar as inter-relações entre o discurso, a história e a memória em textos produzidos em diferentes momentos da sociedade brasileira. Considerando que os textos cristalizam os sentidos em diferentes formas, procura-se entender a produção e a circulação de discursos em diferentes gêneros discursivos. São tomados três grandes momentos da história do Brasil (séculos XVI-XVIII; século XIX; século XX-XXI) e as análises buscam evidenciar os procedimentos discursivos que materializam as idéias e valores daquele momento e que estão inscritos em formas estruturadas nos diferentes textos. O constante diálogo intertextual e interdiscursivo faz circular os discursos e cria os sentidos dentro de uma sociedade. Por isso, a interpretação depende da memória discursiva que está inscrita no texto e que traz para o contemporâneo as condições da enunciação que o produziram.

O presente estudo propõe analisar as diferenças entre as configurações formais e os procedimentos de leitura de dois suportes de texto, tomando como *corpus* o jornal *Folha de S. Paulo* em sua versão impressa e *on-line*. Tendo como pressupostos teóricos as formulações da Análise do Discurso de linha francesa, objetiva compreender: a) as diferenças estruturais e semânticas provocadas pelos diferentes suportes; b) os efeitos de sentido produzidos na passagem do impresso ao eletrônico; c) as diferenças na forma de leitura e a inscrição de diferentes leitores nesses dois suportes de texto; d) os procedimentos discursivos de constituição da identidade do leitor do jornal *on-line*.

A pesquisa tem natureza teórica e analítica e, por isso, os procedimentos metodológicos envolvem a leitura e discussão do referencial teórico; a coleta e desenvolvimento de *corpus* para análise; a aplicação do dispositivo analítico da Análise do Discurso para a análise dos dados; a sistematização dos resultados em relatórios.

Desde a invenção da escrita, ocorreram mudanças significativas, de acordo com os movimentos históricos, nas maneiras de ler, já que a leitura, como ato, envolve o engajamento do corpo, a inscrição em um espaço, a relação do sujeito leitor consigo mesmo e com os outros. Por isso, em cada suporte textual estão inscritas as marcas desse processo de busca de um leitor. A materialidade do texto contém, nela mesma, os índices de processos através dos quais faz sentido para os que o lêem.

A revolução nas técnicas de reprodução de textos - do escriba à impressão; do livro em rolo (*volumen*) ao livro em cadernos (*códex*) - com suas mutações tecnológicas, formais e culturais, determinou mudanças nas formas de leitura. A passagem, no século XV, do manuscrito ao impresso possibilitou o acesso a uma maior quantidade e variedade de registros escritos e afetou a forma de aprender, de pensar e de perceber das elites letradas. Na época da cultura manuscrita, o leitor só tinha disponível um exemplar da obra e nenhuma orientação segura quanto ao local e data da composição, título ou autor. As sucessivas cópias podiam adulterar o texto, por isso a teia da cultura manuscrita era tão frágil que mesmo as elites letradas confiavam na transmissão oral. Uma obra era “publicada” mediante sua leitura em voz alta, o que provocava a emergência de uma cultura semi-oral/semi-letrada. Com a impressão de uma quantidade razoável de livros, e devido às características formais do impresso, a leitura em voz alta foi sendo substituída pela leitura silenciosa. Essa leitura que se tornava “solitária” ocorreu no momento em que se acentuava a valorização da vida privada. Por ser uma leitura que, cada vez mais, vai ocorrer no espaço privado, ela se torna silenciosa e, pouco a pouco, vão sendo eliminadas do texto as marcas formais que sinalizavam a ligação entre o texto e a voz. Assim, brincadeiras formais com o som para performances orais, que eram típicas da cultura da oralidade, acabaram eliminadas do texto impresso, acentuando o afastamento do corpo em relação ao objeto de leitura. Criando a leitura sem voz, a imprensa eliminou, pouco a pouco, a gestualidade do corpo na leitura: ler o impresso passa a ser uma atividade privada, um encontro entre um corpo quieto e o texto.

Segundo Gregolin (2000), o leitor contemporâneo, diante dos textos eletrônicos, ao mesmo tempo em que repete gestos do leitor de textos impressos (“entrar” em um arquivo eletrônico, por exemplo, é um gesto de leitura semelhante ao de entrar nas antigas bibliotecas, assim como a leitura

LEITURA EM TELA: AS LEGIBILIDADES DO JORNAL IMPRESSO E DO JORNAL *ON-LINE*.

Renan Belmonte Mazzola, Maria do Rosário Valencise Gregolin. – Lingüística – Letras – Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

dos textos informatizados mantém as metáforas do “browse” (folhear), das “páginas”, etc), está sujeito a uma nova corporalidade: já que o texto lhe chega, por processos eletrônicos, a uma tela de computador, ele não tem contato corporal com um “objeto a ser lido” e marcando esse afastamento, o texto é manuseável indiretamente, pelo clique no *mouse* e pelo acionamento do teclado do computador. Do mesmo modo, o suporte eletrônico determina uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto muito diferentes daquela do impresso, organizado em cadernos, folhas e páginas. O fluxo não-sequencial do texto na tela, sua descontinuidade, suas fronteiras invisíveis levam o olhar para várias dimensões, instituindo a simultaneidade, o movimento. Assim, ao mesmo tempo em que se cria o distanciamento corporal do leitor, o texto - desprendendo-se da imobilidade do impresso - adquire corporalidade e movimento.

O desenvolvimento de novas representações para o ato de ler mostra que o leitor é determinado pelas práticas de leitura, pelos significados que o ato de ler adquiriu em certa época, para seu grupo social. Além disso, o leitor deve reconhecer estratégias discursivas que estão inscritas no texto, tanto nos suportes quanto no interior da estruturação do discurso. Por isso, o ato de leitura é uma atividade controlada, e a interpretação depende do reconhecimento de dois conjuntos de estratégias: a) que envolvem o texto e sua configuração formal; e b) que resultam das relações pragmáticas estabelecidas entre o produtor e o leitor. As formas materiais que suportam o texto modelam as expectativas do leitor, além de convidar a participação de outros públicos e incitar outros usos:

A representação eletrônica substitui a materialidade do impresso pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidade estabelecidas no texto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. (CHARTIER, 1998, p. 100).

Se não há texto fora do suporte que o dá a ler ou ouvir – no qual estão inscritas as representações do que seja a leitura e o leitor - a compreensão acontece sempre através das formas. No entanto, ao mesmo tempo, esse leitor moldado pela materialidade encontra frestas por onde interpretar novos significados. Essa é a contradição fundamental que envolve texto e leitor: a leitura não é jamais limitada, há sempre uma força criadora no leitor mas, ao mesmo tempo, as estratégias do texto (impostas pelas formas discursivas e pelo suporte de texto) fazem o leitor sujeitar-se a regras lógicas e a modelos. A atividade leitora é, assim, a busca de solução para essa tensão entre limite e descoberta, que faz com que um texto seja sempre o mesmo e sempre outro para cada um dos leitores. A leitura é, assim, ao mesmo tempo, controlada e “rebelde e vadia” (CHARTIER, 1998, p. 7) pois a atividade de leitura sempre inventa, desloca, distorce. Nesse sentido, a vigilância do circuito nunca pôde anular a

liberdade do leitor na sua incessante atividade de buscar novos significados, deslocando, criando, descobrindo.

Os textos nunca são abstratos, ideais, desprendidos de toda materialidade; são objetos e formas, cujas estruturas governam a leitura. As formas produzem sentido. Um mesmo texto investe-se de nova significação quando se modificam os dispositivos de sua legibilidade. Os efeitos de sentido produzidos pelas formas materiais, pela ordem do discurso – que materializa idéias, lhes dá concretude – estão organizados nos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura de cada suporte de texto. As obras obedecem a determinações que as impregnam - uma ordem específica, com suas regras, suas convenções, suas hierarquias - e que fazem os sentidos tornarem-se concebíveis, comunicáveis, decifráveis.

É essa determinação entre forma e conteúdo que faz, por exemplo, o leitor do jornal ser mais livre do que os leitores de um livro. O jornal pode ser carregado, amassado, dobrado, rasgado, lido por muitos. Caracteriza-se pela instantaneidade da informação, que envelhece de uma a outra edição, pois nele a escrita não tem função de conservação ou memorização, mas de informação diária.

Essa instantaneidade do jornal parece encontrar o ambiente ideal quando ele é colocado *online* para seus leitores-usuários (GREGOLIN, 2000). Esse novo suporte conduz a uma nova ordenação, em que

LEITURA EM TELA: AS LEGIBILIDADES DO JORNAL IMPRESSO E DO JORNAL *ON-LINE*.

Renan Belmonte Mazzola, Maria do Rosário Valencise Gregolin. – Lingüística – Letras – Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

a natureza do meio eletrônico, com seu dinamismo, seu movimento intersemiótico, propõe uma leitura com novo ritmo, com informações feitas provisoriamente, que se sucedem em “tempo real”.

Por outro lado, ao aninhar-se no ciberespaço, o jornal eletrônico transforma o circuito de sua recepção, pois passa a depender dos equipamentos de transmissão dos dados. Assim, se o jornal impresso é caracterizado pela sua exposição ao olhar público, na banca ou dentro das casas dos assinantes, onde é manuseado, olhado coletivamente, ao contrário, o jornal *online* está reservado ao olhar do leitor-navegador. Trata-se de um olhar instrumentalizado, que deve possuir os aparelhos para a recepção da informação e, ao mesmo tempo, dominar a técnica de captação dos dados que lhe são transmitidos via Internet. O novo suporte exige novas estratégias de leitura, que permitam ao leitor a navegabilidade no meio eletrônico. Esses recursos de navegação de *web design* – menus, submenus e ícones que orientam a direção de leitura – provocam modificações no formato e nos auxílios ao leitor, do impresso ao eletrônico.

Outra característica importante do jornal *on-line* é a alteração no tempo em que acontece a notícia, ou seja, no ritmo de abastecimento de informações da mídia eletrônica. O jornal impresso traz notícias que *aconteceram*, porque há um intervalo de tempo entre escrever uma notícia e imprimir o jornal, pois o texto deve passar por correções, adaptações, edições etc. No jornal *on-line*, os fatos são narrados “[...] no momento em que estão acontecendo.” (KUCINSKI, 2005, p. 77). A interatividade do jornal *on-line* com seu público é, sem dúvida, um avanço. São os chamados *fóruns*, em que há um tema e os internautas dão suas opiniões através de mensagens eletrônicas que são armazenadas e permanecem visíveis para comparação e conflito de pontos de vista.

Sabemos que no Brasil a leitura continua a ser um problema político. Apesar dos esforços históricos, ainda é grande a parcela da população que não tem acesso à leitura dos jornais impressos.

[...] o principal público do jornalismo *on-line* são os especuladores e as instituições financeiras. Há também um público leitor que acompanha o jornalismo *on-line* em seus locais de trabalho como parte do leque de opções oferecidas aos internautas, mas esse não é o público principal. (KUCINSKI, 2005, p. 97).

Em consequência da diferença entre as classes sociais, a exclusão digital revela-se como obstáculo, pois ela faz com que a parcela de baixa renda da sociedade não tenha acesso a um computador ou à Internet e, por conseguinte, não tenha acesso aos benefícios e às ferramentas oferecidos pela *world wide web*:

[...] pelos dados da PNAD-2003 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), apenas 15,3 % dos domicílios têm microcomputador e só 11,4% têm acesso à internet. Além disso, a pesquisa da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) divulgada em maio de 2004 revela a situação dos professores do ensino fundamental e médio no Brasil: mais da metade dos cerca de 5 mil professores entrevistados em 26 estados e no Distrito Federal não têm computador em casa (53,9%), não navega na internet (58,4%) e sequer usa correio eletrônico (59,6%). (KUCINSKI, 2005, p. 13).

A exclusão digital revela um paradoxo da modernidade: ao mesmo tempo em que a era da Internet cria a ilusão de “universalismo”, de comunicação interpessoal e comercial rápidas e eficazes entre os vários países do mundo, uma grande quantidade de cidadãos está apartada desses benefícios.

Este projeto de pesquisa, que propõe a análise das diferenças entre o jornal impresso e o jornal eletrônico, pretende ter alcance social na medida em que procurará compreender os processos de leitura determinados pelos avanços tecnológicos e, assim, poderá indicar caminhos para o ensino da leitura em ambiente informatizado.

Ademais, como resultados provenientes desse projeto, além da familiarização com o processo de pesquisa acadêmica no âmbito da iniciação científica, tem-se: a característica perene das mudanças de práticas sociais, como é discutido por Foucault (1994), quando se refere às sociedades disciplinares, em que o poder é internalizado no indivíduo e essa rede denominada *diagrama* se constitui por ser um

LEITURA EM TELA: AS LEGIBILIDADES DO JORNAL IMPRESSO E DO JORNAL *ON-LINE*.

Renan Belmonte Mazzola, Maria do Rosário Valencise Gregolin. – Lingüística – Letras – Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

não-lugar, por permear as relações microfísicas da sociedade. Assim como as relações sociais, que ao longo do tempo sofrem mudanças, a prática da leitura também sofre, posto que é também uma prática social. Como exemplo, a leitura linear e seqüencial de uma matéria de jornal no suporte impresso diferencia-se da leitura não-linear e não-seqüencial de uma matéria jornalística no suporte *on-line*, porque a presença de hipertextos na tela do computador faz com que o leitor se perca em arquipélagos textuais de informação. No ciberjornal, a interpretação de uma matéria jornalística provém da soma entre as escolhas do leitor (quais *links* ele acessou, quais ele ignorou, se todo o texto original foi lido, se não se perdeu em *links* que levam a outros *links*, fazendo com que o texto primeiro seja esquecido) e as escolhas do *web designer*, responsável por escolher arbitrariamente as informações que se abrirão na tela sob a forma de hipertexto. Entretanto, mesmo havendo mudança de práticas, nota-se a repetição de gestos antigos mesmo em ambiente eletrônico: a rolagem de baixo para cima de uma página no computador (resgatando a prática do *volumen*); o hipertexto resgatando o conceito de intertexto; os ícones da tela que se configuram sob a forma de elementos dêiticos de inscrição em um espaço (mãozinha, botões, setas etc.).

Todos esse elementos nos fazem perceber que, ao mesmo tempo em que ocorrem mudanças de práticas de leitura decorrentes de novas ferramentas tecnológicas, alguns resquícios de práticas antigas ainda lhe permeiam, como é o caso de um computador moderno da Microsoft, que, ao representar um texto, apresenta-nos elementos que nos remetem aos velhos manuscritos.

Bibliografia:

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Ed. UNB, 1998a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GREGOLIN, M. R. V. Da tela à teia do jornal online. **Nexos**, São Paulo, ano IV, n. 6, p. 25-42, 1º semestre 2000.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual**: ensaios sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, Ed. Unesp, 2005.